



Este n.º foi visado pela Comissão de Censura de Viana do Castelo.

Semanario republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho

Director, adm e propriet.—José da Silva Vieira.—Redactor no Brazil: A. Eiras.—Editor—Julio de J. Gesteira Lima.—Composição e impr.—Typ. Espozendense—Esposzende

Assinatura: Anno, sem estampilha 8\$000 rs.—Com estampilha e para fóra 10\$000 rs.—Brasil, (Meada forte), 30\$000 rs.—Colonias Portuguezas, 25\$000 rs.—Numero avulso 200 rs.—Pagamento adiantado. Redacção e administração—Rua. Veiga Beirão, 7 e 9—Esposzende.

Anuncios: Judiciaes: linha ou esp. de linha 1\$00 esc.—Anuncios particulares: linha 70 c. Comum. ou reclames, linha 550 c. Imposto do selo, cada publicação: 15 c.—Reclames a obras literarias mediante um exemplar. Não se restituem originaes não publicados.

## A questão do azeite

Mão amiga nos chamou a atenção para a seguinte carta do sr. dr. Sousa Ribeiro, publicada no diario de Lisboa, A VOZ, de 27 do mez findo e que, com a devida venia, transcrevemos:

Amigo e sr. Redactor.

«No vosso jornal de domingo, 22 do corrente, aqui hoje recebido, veio, em editorial, o substancioso artigo, firmado pelo sr. José Pequito Rebelo, com a epigrafe supra, e em cujo inicio se diz:

«Uma gravissima responsabilidade impende sobre o Governo de Portugal, no problema da aguda crise que atingiu a nossa olivicultura. Esperamos ainda a sua intervenção eficiente para que os prejuizos certos já escripturados se não tornem em catastrophe irremediavel».

E, concluindo, preconiza, entre outros alvitres, que o Governo impeça a invasão do azeite espanhol pelo agravamento do direito aduaneiro.

Nós, os consumidores, se alguma coisa temos a esperar do Governo, é que se mantenha no seu papel de governar para o povo e pelo povo.

«By the people, for the people», como o tema do grande presidente dos Estados Unidos Abraham Lincoln.

Ora «povo», na accepção legitima do termo, não são os poucos fabricantes de azeite que pretendem a prohibição da exportação do mesmo genero ou artigo de consumo. «Povo», neste caso, são os 5.000.000 habitantes que não fabricam azeite, mas que o consomem diariamente, venha ele donde vier, da Espanha, da Italia ou da Russia.

Que se auxilie por quaisquer outros meios ou processos a olivicultura nacional, compreende-se e justifica-se; mas pensar-se em impedir a importação do azeite espanhol ou outro, para em seguida os produtores e intermediarios elevarem o azeite ao exorbitantissimo preço por que era vendido antes da livre concorrência do azeite estrangeiro, isso é medida ou remedio que nenhum amigo do povo pode defender, nem muito menos aconselhar.

E' de elemental doutrina economica que só a concorrência embaraça os generos de primeira necessidade. Haja em vista o que recentemente aconteceu no Porto com o preço da carne, logo que o Sindicato Agrícola abriu lá um talho seu.

Ora se, como é universalmente em terras nossas conhecidas, está hoje o azeite muito mais barato que antes de ser um facto a concorrência do azeite espanhol, (e ainda está caro) quem é que em bom direito pode defender a prohibição da importação do azeite espanhol ou italiano ou outro?

Eu só concordaria com o alvitre da prohibição, se o Governo, no diploma legislativo que andam a pretender os produtores de azeite, decretasse simultaneamente penas severas, severissimas, aos que elevassem o preço actual do artigo, castigando produtores e intermediarios com pesadas multas, como hoje está estabelecido para os vixordeiros.

Porque tão criminoso é o que envenena o pobre com generos corruptos ou falsificados como o que o tortura com a fome em consequencia da gananciosa exorbitancia no custo dos generos.

Mas seria tal sanção penal eficaz?...

Responda o illustre articulista que estas linhas inspirou.

Entre o interesse dos produtores, classe minima, e o interesse dos consumidores, classe maxima da nação, não ha que hesitar.

E' com os olhos nesta que o Governo, que o sr. Ministro das Finanças tem de estudar e resolver o problema, não esquecendo a norma de Hayes, outro presidente americano de alta benemerencia:—«He serves his party best who serves the country best».

O «country», nesta occorrença, são os consumidores.

Esposzende, 23-VI-1930.

SOUSA RIBEIRO.

A isto commenta a Redacção de A VOZ: «Mais vale que o producto se venda um pouco mais caro, evitando-se a sahida do ouro correspondente, que a diminuição da cultura por falta de incentivo».

Salvo o devido respeito pelo grande e acreditado jornal politico-catholico, o que mais vale nesta questão é attender á multidão dos portuguezes que carecem do auxilio maximo do Estado para que a vida, hoje carissima, se lhes torne menos pezada, menos afflictiva.

O azeite, não é preciso ser economista para o perceber, é um dos artigos de consumo que mais entra no orçamento de uma casa de familia.

Ora pensar-se, neste momento, em sugerir ao governo qualquer medida que importe o augmento do seu custo, é, podemos affirmar-o, um attentado contra o bem-estar da maioria dos cidadãos da nossa nacionalidade.

E' uma grande verdade o que diz o sr. dr. Souza Ribeiro, de ter sido muito mais caro o preço do azeite quando não havia a concorrência do azeite espanhol.

A questão, agora, não é de diminuir ou aumentar a cultura; a questão principal, a questão vital para a maioria das familias, para os menos abastados, para os lares pobres está precipuamente no barateamento da vida.

O sr. dr. Ministro das Finanças, pois, que é de uma intelligencia superior e que, estamos d'isso certos, o que mais tem em vista é o bem commum da Nação, não deve, neste problema que affecta as classes trabalhadoras e a maioria do povo portuguez, não deve senão inspirar-se pelos superiores principios da justiça.

E esta consiste, evidentemente, em proteger os superiores interesses da maioria, nem que isso redunde em menos beneficio de uma pequena minoria.

Nenhum animo nos move, na questão presente, contra os produtores de azeite.

E se elles carecem de qualquer auxilio do Governo, que o Governo lh'o dê. Mas nunca pelo processo que se pretende, qual é o de se fechar a porta a uma concorrência de que bem palpavel beneficio tem resultado para o paiz.

Fallar-se aqui no decantado exodo de ouro não passa de um sofisma, por parte dos produtores de azeite, defendidos no A VOZ pelo sr. Pequito Rebelo, que piamente cremos escrevesse o seu artigo em boa fé.

Mas nós, que por vezes lemos no «NOVIDADES» de Lisboa quanto os produtores se teem mexido para obterem a prohibição da importação do azeite hespanhol, nós só vemos a ameaça que essa pretensão envolve, qual é a de, postos só elles em campo, voltar o azeite para o exorbitantissimo preço do seu custo antes da concorrência do azeite hespanhol.

Alvitro o A VOZ que o producto se venda mais caro.

Não, sr. Ministro das Finanças, não cremos que V. Ex.<sup>a</sup> enverede por esse caminho, pois nos seus sabios trabalhos bem tem reconhecido os sacrificios que o povo tem suportado nesta época de regeneração financeira e economica do paiz.

Ora, se alguma medida pode o povo esperar, o povo que paga e trabalha e soffre, é que V. Ex.<sup>a</sup> e os seus collegas no Governo estudem e promulguem medidas que tornem menos caro o viver de cada dia, mormente nas classes humides, nas menos abastadas, no pobre do consumidor.

Diremos mesmo que isto que se refere ao azeite se deve aplicar aos outros generos de primeira necessidade.

O sr. dr. Olivera Salazar deve ter bem de memoria os principios proclamados pela maior parte das associações de Paris, entre as quaes, pela voz do seu interprete catholico, Eugenio Veron, se salienta este—«a produção barata, numa sociedade bem ordenada, é a origem do bem-estar de todos.»

Se acabasse hoje a concorrência do azeite hespanhol, ficando apenas em campo os produtores e os seus intermediarios para a venda, para onde subiria o preço do azeite?!

Admitte o sr. dr. Souza Ribeiro, em ultima instancia, o remedio de se imporem multas aos que vendessem o azeite por preço mais caro do que o actual, no mesmo decreto que prohibisse a entrada do azeite estrangeiro.

Mas nós nem isso admittimos, porque a experiencia nos diz que is-

so seria inefficaz, ante a ganancia desmedida do productor e do intermediario, parasita este que tanto tem contribuido para o mal estar das classes pobres.

E aos jornaes catholicos de Lisboa, o NOVIDADES e o A VOZ pedimos que recordem o ensinamento dos Livros Santos neste caso e nos similhres:

«Quando ceifares o teu campo, se te esquecer uma porção da colheita, não voltes atraz para a buscar. Essa porção pertence ao estrangeiro, ao orphão, á viuva, a fim de que o Deus eterno te abençoe em todas as obras das tuas mãos.

«Quando sacudires a oliveira, não voltes a procurar-lhe o fructo; será tambem para o estrangeiro, para o orphão, para a viuva.»

O estrangeiro, o orphão, a viuva da Biblia, são nesta questão os consumidores que não cultivam mas que precisam de viver.

Que os produtores cultivem, cultivem muito e que vendam mais barato, porque quanto mais barato for o artigo maior procura e venda elle terá.

Nada de monopolios! Haja muito azeite, seja elle portuguez, hespanhol, grego ou russo. Mas haja muito, porque quanto mais houver e quanto mais barato for, melhor concorrerá para o bem-estar do povo, unico fito que deve ter um governo que se julgue e seja digno d'esse nome.

E sem querermos ensinar o Padre Nosso ao vigario, é nestes principios que se devem inspirar, na questão presente, o NOVIDADES e o A VOZ, de Lisboa, unicos diarios de larga circulação que temos visito occuparem-se do problema *sub judice*.

Veio recentemente no A VOZ um telegrama aqui do norte apoiando o alvitro do sr. Pequito Rebelo. Sabemos bem como se arranjam telegramas assim. Para elles podemos parafrasear as palavras do melhor amigo dos pobres e afflictos: «Nesciunt enim quod faciunt.»

Esposzende—1-VII-1930.

Turno de Anja.

## ANA ROCHA

MÉDICA  
CONSULTAS DAS 10 AS 12  
(Excepto aos domingos)  
ESPOZENDE

CONTOS E LENDAS DO MINHO

O frade e o passarinho

Linda manhã de Julho, lim-pida, serena; o sol, despontando por cima dos verdejantes cabe-ços do monte de Airó, punha tons fulvos de ouro na seara a-madurecida, marginada pelo ver-de escuro dos arvoredos e ser-peada pelos côlos argenteos do Cávado, que corria lá ao fundo; era o despertar de um ardente dia de estio.

Na cerca do Convento de Vilar de Frades deambulava, des-de os primeiros alvôres do ama-nhecer, o vultô magro e esguio de um monge beneditino, e tão enlevado estava no seu profun-do pensar que todas aquelas be-lesas impressionantes da nature-sa para ele passavam desperce-bidas.

Mãos recolhidas nas amplas mangas do seu habito, crusadas sobre o peito, olhos baixos no chão, limitava o seu continuo caminhar entre a pequena cape-la, dedicada ao seu santo Patriar-ca, que alvejava entre os massi-ços da murta de um bem cui-dado jardim, e o tanque junto á alta parede que vedava a cer-ca, onde murmurava em tenue fiosinho de agua.

Na sua mente perpassava constantemente aquela passagem dos Psalmos que acabara de lêr em matinas no côro: «mil anos á vista de Deus são como o dia de hontem que já passou.»

Não podia comprehender o pobre do monge, o alcance da-quele trecho biblico.

Tendo-o lido em comunida-de, passou á solidão do campo para decifrar o seu sentido; a sua intelligencia, porém, não po-dia abranger a ideia do tempo.

Cançado, por fim, de tanto an-dar e de tanto meditar, sentiu chegar até ele os melodiosos gor-geios de uma avesinha, que em uma arvore perto pousara.

Distraidamente, começou a ouvi-la; mas em breve, tal era a sua suavidade, atentamente pas-sou a escutá-la.

A pequenina cantora, po-rém, saltando de ramo em ramo, de arvore em arvore, foi-se a-fastando do convento e, com o seu leve bater de asas, parecia convidar a segui-la.

Na esperança de continuar a ouvir tão harmonioso canto, tomou o nosso monge a dire-ção que lhe era indicada e foi até um cerrado bosque que, pa-rra o lado do rio, perto distancia-va.

Chegado aí, a minuscula guia encetou de novo os seus in-terrompidos gorgieios e o mon-ge, sentando-se em um tos-co banco, extasiado, quedou-se á ouvi-la.

Breves instantes, porém, durou aquele enlevo, pois a pe-quenina artista, emudecendo, de-sapareceu e o frade, lembrando-se das suas obrigações, voltou apressado ao convento.

A' vista deste, com grande espanto seu, encontrou tudo mu-dado; o edificio já não era o mesmo e até era habitado por frades de outra ordem.

Não menos admirados fica-ram os novos moradores, que eram os «Benignos ou Bons Ho-mens de Vilar», por verem um monge beneditino dentro do con-vento, tentando introduzir-se na sua comunidade.

Explicava este que havia pou-cas horas tinha saído em pas-seio pela cerca e contava o que lhe tinha sucedido.

O espanto era geral de par-te a parte. Foram consultados o Reitor e os Padres mais graves da nova Congregação, e vieram por fim todos á conclusão, por terem lido, em carcomidos car-tapacios, que havendo desapare-cido misteriosamente, para cima de setenta anos, um monge do convento, quando este era ain-da habitado pelos beneditinos, com certesa o desaparecido era aquele que ali estava presente.

O santo abade, como entre os frades ficou sendo conhecido, carinhosamente recolhido, den-tro em breve morreu e o seu corpo foi sepultado no transepto da Igreja de Vilar de Frades.

No sitio onde ele esteve tan-ro tempo encantado, construiu-se uma ermidinha, que ficou sendo conhecida pelo nome de «a Ca-pela do Passarinho», da qual ho-je apenas existem vagos vesti-gios, por não ter resistido á fu-ria iconoclasta do primeiro pro-prietario leigo do convento.

E os velhos, sentados á la-reira, nos serões das longas noi-tes de inverno, nas aldeias, con-tam ainda esta prodigiosa len-da.

T. F.

A 'QUESTÃO DO AZEITE

Generos allaentielos

O *Espozendense*, que tem hora-damente cumprido o seu programa de defensor dos interesses do conce-lho, recebe jubilosamente toda a co-operação que apoie e revigore o seu esforço.

E' porisso que hoje dá guarida ao artigo de «Turno de Anta», o qual sustenta doutrina que propugna pelo bem-estar, tanto do povo deste conce-lho como de todos os que fóra d'a-qui se teem debatido com a carestia dos generos de primeira necessida-de.

Oxalá os nossos colegas na im-prensa, sobretudo os de maior cir-culação, secundem a campanha de «Turno de Anta», não deixando assim vingar a tentativa que se está esbo-çando para um monopolismo que nos viria agravar a vida desastrada-mente.

Mantenha o govêrno a livre con-

correncia, unico meio, no presente momento historico, de os generos de primeira necessidade se tornarem ao alcance de todas as bolsas.

E só assim pod-rá conquistar-se o bem geral da nação, que os gover-nos da Dictadura se teem proposto e proclamado curar e salvar dos males que ainda a assoberbam.

O porto de pesca de Espozende

Em o n.º 1.152 deste sema-nario fizemos ligeiras e amis-tosas observações ao illustrado «CORREIO DO MINHO», a-lusivas aos portos de Espozende e dos Cavalos de Fam, no intui-to de obtermos as honras de uma discussão breve e amigavel. Da discussão nasce a luz, diz o proverbio.

E como ainda não tivemos essa dita, vamos justificar o que já constatamos; isto é, não so-mos contra o porto de pesca de Espozende, nem fazemos questão do porto de abrigo dos Cavalos de Fam.

A nossa primeira ideia foi, é e será, salvo melhor pensar, de-riivar a foz do Cávado para a bacia dos Cavalos, abrindo um rego, á pá e á enchada, atravez do fieiro, na extensão de duzentos a trezentos metros, mediante a contribuição de trabalho entre Espozende e Fam; deixando o restante serviço ao cuidado das grandes enchentes do Cávado.

Derivada, de facto, a foz do rio, convém levantar um pare-dão, ou caes acostavel, de Espo-zende ao fieiro do outro lado, com a pedra do paredão da bar-ra e dos caes de Espozende, en-tercétando o rio pelas imediações do matadouro publico.

Realizado isto, Espozende fi-caria com um bom porto de mar, de segunda ordem, para na-vios e embarcações de pesca, que atracariam ao novo caes para cargas e descargas.

Reconhecida a utilidade do novo porto e a sua regular con-correncia, convinha contrair um emprestimo, dando por garantia os rendimentos do mesmo por-to, para construir paredões ou molhes, sobre as pedras da Cer-nelha, dos Cavalos e da Quei-xada, transformando, assim, este porto de segunda ordem num excelente porto de abrigo; quan-do mais não seja, como porto suplementar de Leixões e demais portos da costa norte. Esta o-bra não devia ir além de 5:000 contos.

As canalisações da nova foz por meio de paredões lateraes, para conter as areias, dêvia ser a ultima demão, vizando a motivos de profundidade, solidez e eco-nomia.

Finalmente, construido o no-vo caes acostavel, Espozende via a seus pés extensa área para se alongar até ao mar em amplas avenidas e conquistar uma exce-lente praia de banhos, propria-mente sua.

E' este o nosso plano, nos seus traços geraes, que não ofen-de nem prejudica Espozende; ao inverso, seria a terra mais be-neficiada do concelho.

Todavia, se os do «CORREIO DO MINHO», ou seus desleaes informadores, levam em mira outro plano mais viavel, de maior alcance e mais economico, apareçam á discussão. Isto de cas-telos no ar é sestro muito ve-lho, que apenas serve para em-patar.

Nesta lamentavel attitude, nes-ta condenavel indolencia, não podemos nem devemos persis-tir; é um crime de lesa-região. Vida nova, vida nova!

Se os senhores de Espozen-de, de posse da situação, per-sistem na expectativa da prote-ção dos poderes publicos, e do dinheiro do governo para dar inicio ás obras, é esperar por sapatos de defunto.

O mais prudente e seguro é andarmos com as pratas da casa.

O concelho de Espozende concretisa grandes elementos de vida e dispõe de muito dinhei-ro, se quizesse progredir, sem auxilio de estranhos.

O nosso concelho necessita apenas de muita união, de mui-ta lealdade e muita atividade.

Exibindo estes tres predica-dos, alguma coisa havemos de conseguir, para muito breve.

Da união nasce a força, e o trabalho tudo vence — *Labor omnia vincit.*

Padre Chaves.

ÉCOS DA CONSAGRAÇÃO

ANTÓNIO CORREIA D'OLIVEIRA

O NOSSO NÚMERO ESPECIAL

António Correia de Oliveira

Os estudantes de Coimbra, como toda a população daquela linda cidade, acabam de prestar homenagem ao Poeta Antonio Correia de Oliveira.

Merecidissima ela foi, atin-gindo as proporções duma for-midavel apoteose.

Raros são, entre nós, os Ar-tistas que conseguem, em vida, uma tão completa e justa consa-gração.

Antonio Correia de Oliveira deve-se ter sentido ufano com esta manifestação da gente moça e culta. Mas a vaidade não o detetá. Espiritos como o seu, procuram constantemente a per-feição, subindo mais e mais, in-satisfeitos sempre.

Onde chegará ainda a sua Arte? Que haverá além do sublime, que ele já alcançou com a segurança de poucos?

E', positivamente, o poeta maximo de Portugal, nos tempos actuaes.

Os seus versos são surprehendedentes. Uns, como feitos para o povo, tem o brando latejar da sua alma simples, a harmonia dulcissima do seu viver bucolico. Outros, em louvor de Deus e da Sua Obra, parecem astros refulgentes, numa ascensão triumphal e intermina, enchendo o Espaço de reverberos de amor e oiro.

Cantor da Saudade, e da Vida, e da Fé, e do Bem, é grandemente educativo e moralizador.

E não sabemos que mais admirar e enaltecer: se a ideia, se a fórma, tão superiores são uma e outra.

O *Noticias de Alcobaca* junta a sua voz á daqueles que acabam de o victoriar, congratulando-se com a feliz inspiração dos rapazes de Coimbra.

Não podiam ter escolhido melhor. Dignificaram-se e honraram-se.

Daqui os louvamos, emquanto dirigimos a Antonio Correia d'Oliveira o preito da muita admiração que nos merecem o seu talento e a sua Arte.

(Do n.º 107 do *Noticias de Alcobaca*.)

#### PADRE NOSSO

Pai nosso, que estás no Céu;  
Santifique-se o teu nome,  
Venha a nós o reino teu.  
Faça-se a tua vontade  
Na terra como no Céu.

O pão nosso quotidiano  
Nos dá hoje; e nos perdôa  
Nossas dividas, assim  
Como aos nossos devedores  
As perdoamos também.  
E não nos deixeis cair  
Em tentação, e livrai-nos  
De tudo o que é mau. Amen.  
*Queiroz Ribeiro.*

#### O FADO

O cavaleiros da saudade infinda,  
Cantai o fado, pelas noites fora!...  
Desce os anjos lá do ceu, nessa hora,  
Para escutar essa canção tam linda!

Entretecendo sortilégios magos,  
Cantai o fado, enquanto a meiga lua  
—Graça infinita que no ceu fluctua—  
Vai escutando esses lamentos vagos!

Por horas tristes, recolhidas, calmas,  
Cantai o fado, essa canção bendita!...  
Pois os queixumes da vossa alma afficta  
Vão ser conforto, ainda, doutras almas!

*Lumelino Pestana*

#### FALTA DE ESPAÇO

Por absoluta falta de espaço deixamos de publicar neste numero varios escritos de interesse publico, que sairão nos que se seguirem.

### O S. PEDRO

Passou quase despercebido, entre nós, o dia deste Santo, Claviculario do ceu e Fundador da Igreja Cristã na terra.

Nem uma fogueira, nem uma luminaria, nem um nicho em sua honra!

Onde param os seus devotos, esses que lhe fazem salamaques, durante o ano, por ele ser o detentor das chaves das portas do ceu?

E' assim, dêsse modo, que lá querem dar entrada, quando desta vida transitarem para outra melhor?

E' com esse procedimento, de quem o vota ao olvido, que êle lhes há-de abrir as celestiais portadas?

Com tão má e feia acção deram-lhe mais um motivo para que só as abra aos seus devotos fervorosos e de *verdad*, e áqueles que possuam uma alma sem mancha, lavadinha, pura e immaculada.

De intrujões e vigaristas está o mundo farto e cheio, e para estes e para os que facilmente o esquecem certo não deixará S. Pedro, d'ora avante, nem frêsta, nem intersticio da portaria celeste por onde manhosamente, arditamente possam ver, de longe, ao menos, as delicias e venturas concedidas aos bons devotos, como prémio das suas virtudes.

Para os ingratos e maus, até o Santo Claviculario seria capaz de repetir o seu corajoso gesto, do Jardim das Oliveiras, qual foi o de cortar uma orelha a Mateus, o farizaico beleguim que se propunha prender Cristo por ordem de Caifás, nos tempos em que o facinora do macanjo Herodes dispunha, como rei absoluto, da cabeça dos seus súbditos...

E seria o meio de os marcar visivelmente para quando voltassem a petar ao celestial ferrólho, com manhas, e ardis, e modos de se insinuarem no seu ânimo bondoso e complacente, como se êle fosse um *passa-culpas*, susceptivel de votar ao esquecimento tantas faltas cometidas em varios cantos e esquinas d'este mesquinho e falso planeta, que é habitado por tantos ingratos e tão voluveis mortais...

Secundar o seu notabilissimo gesto, desorelhando-os, como desorelhou a Mateus, seria um rasgo de justiça para com reus de provada culpa.

E não achavamos que fosse muito mal feito!...

**Alagueira Guerra**  
**ESPOZENDE**

#### ESPECTACULO

O brioso Grupo dramatico Palmeirense exhibe hoje, sabado, às 9 horas da noite, no nosso Teatro-Club, um espectáculo em beneficio das festas a realizar em 15 de Agosto proximo a Nossa Senhora da Saude, que uma Comissão de entusiastas desta vila tenta levar a efeito.

O espectáculo consta do empolgante drama sacro, já muitas vezes representado no seu teatro de Santo Antonio, em Palmeira, e ultimamente com grande aplauso levado á scena no «Gil Vicente», da vizinha cidade de Barcelos, — *Rainha Santa Isabel*.

Este grupo de bons amigos palmeirenses é digno de grandes aplausos, esperando-se que os espozendenses correspondam ao seu gesto com uma casa á cunha.

#### O ASSUCAR

Segundo diz o *Diario do Governo*, está calculado em 82 mil toneladas o consumo do assucar no continente da Republica no ano estatistico de 1 de Maio de 1930 a 30 de Abril de 1931.

#### AS MISERICORDIAS

Foi autorizado em conselho de Ministros, a antecipação do pagamento dos subsidios attribuidos a varias instituições de assistencia particular do paiz, em relação ao primeiro semestre do corrente ano.

#### SANTA IZABEL

No templo da Misericordia comemorou-se solenemente, na quarta-feira, o dia da rainha Santa Isabel, padroeira daquela beneficente instituição.

#### DO BRAZIL

De regresso do Rio de Janeiro devem chegar por estes dias á Pátria os nossos conterraneos Aparicio Gonçalves Azevedo e João Francisco Leite.

Todos os **ENGRAXADORES** são maus e todos os maus são **ENGRAXADORES**.

#### Marinhas, 3-7.

E' no proximo domingo, 6 do corrente, que n'esta populosa freguezia se realisa a inauguração da Capela Mór e conjuntamente a festa anual do S. Sacramento. De ha um ano que o laborioso povo d'esta freguezia vem trabalhando com sacrificios de toda a ordem na reforma da sua Igreja.

A obra confiada ao lapis do habil architecto Senhor J. Vilaça e executada pelo esclarecido mestre d'obras Domingos Ribeiro, está concluida na sua primeira parte.

E' esta que vai ser inaugurada festivamente no proximo domingo, tendo nós colhido do Reverendo Paroco o programa que segue:

A's 5 e meia h. missa resada e comunhão geral.

A's 10 horas benção solene e missa cantada, tomando parte, com o seu canto, o povo, ficando em exposição reparadora o S. Sacramento no seu trôno.

A's 17 h. Sermão solene, procissão do S. Sacramento.

E' assim que o bom povo das Marinha, a-

gradecerá a N. Senhor a vontade que lhe tem dado para produzir uma obra, em que gastaram á custa das esmolhas colhidas na freguezia, quantia já superior a 40 contos e lhe pedirá alento para a obra que começou.

Sabemos que são poucos, muito poucos os que nada deram para esta obra; e dos filhos ausentes, alguns já d'ela se tem lembrado e os restantes esperamos que dela se lembrarão. Nesté cantinho havemos de, com licença do Reverendo Paroco, citar os seus nomes.

C.

### EDITAL

#### Pagamento de contribuições

Avellino Afonso Roriz Pereira, Tesoureiro da Fazenda Publica do Concelho de Espozende:

Faz público que desde 1 de Julho, por espaço de 30 dias, se acha aberto o cofre da Tesouraria da Fazenda Publica, para o pagamento voluntario das contribuições Predial e Imposto sobre aplicação de Capitais do ano de 1929-1930, Industrial—grupos A. B. e C., Imposto profissional de 1930-1931.

A Contribuição Predial pode ser paga em duas prestações, não podendo ser inferior a 50000 cada prestação, ficando sujeita ao juro da mora a 1.ª prestação se não for paga no devido praso.

A Contribuição Industrial e Imposto profissional podem tambem ser pagos em duas prestações, não podendo ser inferior a 100000 cada prestação, mas a falta de pagamento da 1.ª prestação no prazo estabelecido importa a cobrança com relaxe de todas as prestações em divida.

Os outros impostos são pagos numa só prestação, ficando sujeitos ao relaxe os contribuintes que os não satisfizerem no referido praso.

Para constar mandei passar este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do costume.

Espozende, 21 de Junho de 1930.

O Tesoureiro,  
*Avellino Afonso Roriz Pereira*

### AGRADECIMENTO

Albino Torres e familia, agradecem, penhorados, a todas as pessoas que lhes significaram o seu pezar pela morte do seu inditoso filhinho, falecido em 20 do corrente. Agradecem tambem a todas as almas caridosas que acompanharam, até á sua ultima morada, os restos mortaes do seu sempre lembrado filho.

Fão, 27 de Junho de 1930.

### FABRICA DA GRANJA BARCELOS

Reparação de todas as marcas de automoveis, carrosseries para camionetes, accessorios Ford e outros.

Mobílias, madeiras para construção, etc.

## Aos lavradores

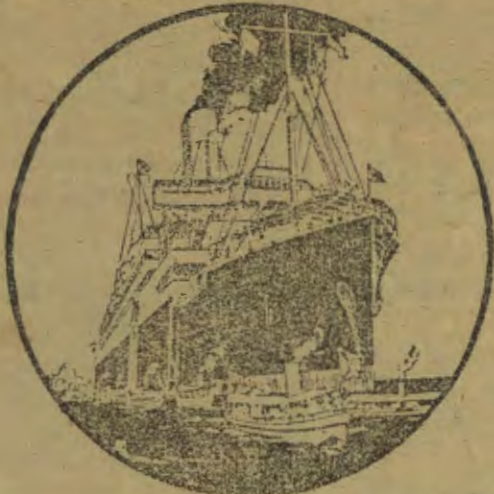
O Sindicato Agrícola de Viana do Castelo, no intuito de bem servir o numero avultado de socios que possui neste concelho, acaba de abrir no antigo armazem do Passos, no Fanico, **Uma delegação**, onde os associados do referido Sindicato encontrarão á venda os mesmos artigos que se encontram na Séde, ou seja: sal, adubos, sementes seleccionadas, arame e ferro para ramadas, instrumentos agricolas, etc, etc. Não deixem os nossos lavradores de visitar a referida casa, pois trata-se dum melhoramento indispensavel e que muito os pode beneficiar.

GRAND PRIX - O MAIOR PREMIO DA EXPOZICAO - LONDRES 1904

de Lisboa, 1886.  
Paris, 1889.  
Balem 1888.  
Londres 1904.  
Rio de Janeiro 1908, etc.

Pedro Franco & C.  
Rua de Belem, 147 - LISBOA

## MALAREALINGLEZA



### Paquetes correios a sair de Leixões

DARFO em 9 de Julho para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos-Ayres  
DESEADO em 23 de Julho para o Rio de Janeiro Santos Montevideo e Buenos Ayres  
DESNA em 6 de Agosto para Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos-Ayres

### Estes Paquetes sahem de Lisboa no dia seguinte e mais os paquetes:

ALMANZORA em 23 de Junho para Rio de Janeiro, Santos Montevideo e Buenos-Ayres  
ALCANTARA em 7 de Junho para Madeira, Pernambuco Bahia Rio de Janeiro Santos Montevideo e Buenos Ayres

ARLANZA em 21 de Julho para Rio Janeiro Santos Montevideo e Buenos Ayres.  
Na agencia do Porto podem os srs. passageiros de 1.ª classe escolher os beliches á vista das plantas dos paquetes, MAS PARA ISSO RECOMMENDAMOS TODA A ANTECIPAÇÃO.

Dirigir aos unicos agentes no norte de Portugal:

### TAIT & CO.

19, RUA DO INFANTE D. HENRIQUE. — PORTO  
ou aos seus correspondentes nas provincias.

## EDIÇÃO MONUMENTAL

# A Historia Ilustrada da Literatura Portuguesa

Formato 32x25

Em tomos mensais de 32 paginas, optimo papel couché, magnificamente ilustrados.

### E CONTERA:

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edicoes raras, manuscritos, miniaturas e fac-similes de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais HORS TEXTE, a côres.

### CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica, Artigos de especializados professores e literatos de nome consagrado.

Cada tomo . . . . . 10\$00

A Historia Ilustrada da Literatura Portuguesa, comprehenderá pouco mais ou menos dois grossos volumes de 400 paginas cada e será uma publicação de luxo, para o que se reuniram todos os elementos indispensaveis. A semelhança das Histórias da litteratura francesa de Lanson e Benedit e Hazard publicadas pelas importantes livrarias Hachet de Larousse, esta publicação constituirá alguma coisa de inédito, de grandes desse notavel nas nossas letras. Jámais se reuniram condições como para criação deste monumento, arquivo das maravilhas que nas letras a nossa história encerra.

### ASSINATURA:

Preços, incluindo embalagens reforçadas

### CONTINENTE E ILHAS:

Assinatura especial de cada número saindo mensalmente e pelo correio, contra reembolso (só para o continente e ilhas)

	3 meses	6 meses	1 ano
Assinatura (pagamento adiantado)	33\$00	65\$00	128\$00
		Registado	11\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem — 10\$00

PEDIDOS ás Lrarias AILLAUD e BERTRAND  
73, Rua Garrett, 75  
LISBOA

Assina-se nesta villa na Livraria Espozendense Rua Direita

## AUTOMOVEL DE ALUGUER

EXPENDIDO «MINERVA» — 7 LOGARES BEM CONFORTAVEIS

CHAMADAS A QUALQUER HORA

ANTONIO DUARTE

Preços convidativos

## Grafonolas "DECCA,"

SEN RIVAL

Discos e agulhas

A' venda na HAVANEZA.

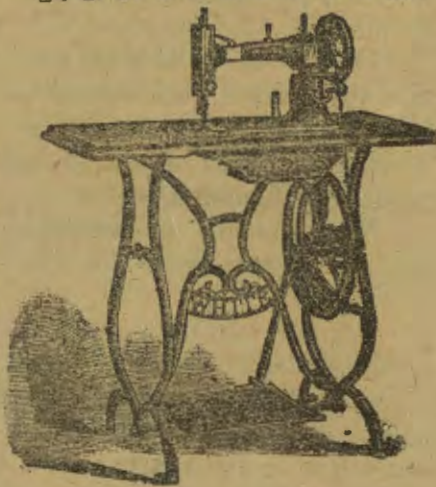
Automoveis de aluguer

Conduite de luxo — 6 — logares

CARRO ABERTO

TRATAR NA HAVANEZA

PREÇOS CORRENTES



## Maquinas Singer

para coser vendem-se a pronto pagamento e em prestações no Chic Parisiense, estabelecimento de fazendas de Emilio Fernandes, rua d'Areosa — Fão.

Reparações gratuitas durante 5 anos.

Dar-lhe a preferencia é ser em servido.

## MOBILIAS E DECORAÇÕES

AS MAIS MODERNAS E ECONOMICAS  
A. BARBOSA DA FONSECA, F.  
29, Rua Ferreira Borges, 45 — PORTO

GRAND PRIX O MAIOR PREMIO DA EXPOZICAO - LONDRES 1904.

Xarope Peitoral James.

Premio em medalha de ouro nas exposicoes: Lisboa 1888, Paris 1889, Balem 1888, Balem 1884, Londres 1904, Rio de Janeiro 1908, etc.

Heroico contra todas as afeções dos órgãos respiratorios, taes como: tosse rebeldes ou convulsas, ataques asmáticos, bronquites agudas ou crónicas. Legalmente autorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral d'Hygiene dos E. U. do Brazil.

À VENDA EM TODAS AS FARMACIAS.

DEPOSITO GERAL: FARMACIA FRANCO, FILHOS PEDRO FRANCO & C.  
RUA DE BELEM, 147 - LISBOA